

Etnografia e história na Amazônia, por Peter Gow

MARTA ROSA AMOROSO

Lançada em 1991 pela Clarendon Press de Oxford, a monografia de Peter Gow talvez constitua uma das obras mais citadas nos últimos dez anos no contexto dos estudos americanistas. Neste sentido, a tradução de parte dela pela Revista *Cadernos de Campo* busca sanar várias dívidas. A primeira delas é a de preencher uma injustificável lacuna na biblioteca do aluno das ciências sociais, enquanto se aguarda a recomendável tradução da monografia na íntegra. A segunda é a de reduzir o imenso débito que a Antropologia acumulou com populações nativas da Amazônia, que, como os Piro do Baixo Urubamba, da região subandina do Peru, acumularam longa e traumática experiência de contato, tendo muitas vezes por esta condição da sua história, deixado de despertar o interesse da disciplina. É neste sentido que *De Sangue Misturado* inova ao focalizar a experiência vivida pelos povos nativos da Amazônia e ao propor para esse tipo de análise uma metodologia clássica da disciplina - a abordagem etnográfica dessas populações - realizada a partir de intenso trabalho de campo.

Originalmente tese de doutorado apresentada à London School of Economics, orientada por Joanna Overing, *Of Mixed Blood: Kinship and History in Peruvian Amazonia* contém três partes e nove capítulos. A primeira parte aborda o sistema social no Baixo Urubamba, destacando o discurso sobre o tempo e o espaço assim como a chegada da civilização e a etnosociologia que emerge do idioma nativo – os “tipos de gente” ou *razas* – categorias com as quais o povo nativo pensa sobre si e sobre o mundo em que vive. A segunda parte trata da natureza do trabalho do povo nativo no sistema de *habilitación* e explora as relações entre

parentesco e economia de subsistência. Por fim, a terceira focaliza como o conhecimento e as instituições estrangeiras (a escola e o regime de terras, especialmente) se incorporam à gramática local, articulando a particularidade de uma história que rejeita a continuidade com o passado e inaugura um novo tempo de convivência expresso no idioma da mistura.

Produto ela mesma da mistura na dose certa da etnografia – tomada na mais pura tradição malinowskiana como a definição do fazer antropológico – e da história – entendida na acepção nativa enquanto memória do parentesco – *De Sangue Misturado* atualiza o debate contemporâneo sobre a presença e destino das populações indígenas do continente, ao tomar a condição histórica das populações indígenas como ponto de partida para a reflexão etnológica e propor como solução analítica a exploração sistemática dos discursos locais de identidade, de cultura e de história.

E o que os Piro do Baixo Urubamba falam? Dizem-se de sangue misturado, e dessa forma, excluem-se das categorias de pureza que por muito tempo foram perseguidas pela etnologia amazônica, por missionários que atuaram na região e pelos órgãos de tutela dos Estados nacionais, mas que não interessavam os nativos civilizados e escolarizados do Baixo Urubamba, que ao contrário, marcavam nas práticas e nos discursos firme intenção de se diferenciarem dos *selvagens* da Amazônia. A complexidade das relações que envolvem as comunidades nativas no Baixo Urubamba, com a adoção do regime de terras e do sistema escolar do Estado peruano, aproxima inicialmente as narrativas coletadas por Gow dos estudos sobre a “aculturação”, ou ainda dos estudos sobre a

etnicidade. Trabalhos como os de Charles Wagley, Eduardo Galvão e Robert Murphy, que assinaram primorosas etnografias em meados do século passado, construíram, entretanto, uma imagem dominante de uma Amazônia nativa perdendo suas culturas e se assimilando à massa não indígena de camponeses rurais. Essas seriam comunidades que por meio das transformações sócio-econômicas advindas do sistema dos padrões acabaram por se assimilarem a comunidades modernas, baseadas no cristianismo e nas relações de mercado.

Neste e em outros trabalhos (Gow 2001; 2003) a crítica ao uso do conceito de “aculturação” desdobra-se na insatisfação com os resultados da aplicação da teoria sobre a etnicidade aos Piro do Baixo Urubamba e seu complexo sistema identitário. Ambas as abordagens revelariam de fato a ausência do dado etnográfico e uma apreensão das populações nativas postulada de fora, de onde só se vê desagregação, vitimização e dissolução, ou o uso político da identidade étnica.

O diagnóstico do que Paul Veyne (1982) chamaria “os possíveis atuais” leva Peter Gow a elaborar mais recentemente (2001) o conceito de “mundo vivido”, para o qual nosso autor mais uma vez inova ao adotar soluções clássicas da disciplina: a análise do parentesco e do mito como forma de acesso à história do povo nativo da Amazônia.

Assim, na concepção nativa, a história adquire o sentido precioso e indispensável de elucidar a gênese das relações de parentesco que explicam a vida atual, depois que o sistema de *habilitación* amplificou e tornou complexas as possibilidades de arranjos matrimoniais (Gow 2001). A mistura, no entanto, não abole a atenção às diferenças, e neste sentido a teoria da história formulada por Gow dialoga com os estudos do parentesco sobre povos tradicionais e nestes estudos encontra seu conceito e um repertório.

Peter Gow recupera a concepção de Lévi-Strauss da história enquanto uma “história para”, isto é, inevitavelmente referenciada por um determinado ponto de vista. A história emerge assim das narrativas e da experiência particular das comunidades nativas, assim como do mito, ou as “histórias dos antigos”. Estas seriam o artifício literário que os Piro encontraram para construir seu afastamento em relação ao povo antigo e incivilizado que morava na floresta. São histórias que continuavam, entretanto, sendo encenadas pelos Piro que hospedaram Peter Gow nos anos 1980, demonstrando, portanto, que eram atualizações dos mitos que os povos nativos não abriam mão de utilizar.

O mito é assim enfatizado na sua condição de objeto histórico. Mais uma vez, inspirada em Lévi-Strauss das *Mitológicas*, a análise identifica nas “histórias dos antigos” dos Piro os mecanismos de obliteração do tempo e de absorção do impacto das turbulências, constituindo dessa forma as evidências para a análise antropológica dos processos criativos de transformação das culturas. O método histórico da análise antropológica emerge assim da investigação etnográfica. Gow aproxima, nesse sentido, as análises do mito empreendidas por Malinowski e por Lévi-Strauss: ambas buscam partir de situações concretas de comunidades observadas e descritas pelos antropólogos, e desse modo, buscaram acessar as concepções de pessoa e de mundo formuladas pelos nativos. Muitas são, portanto, as afinidades que Peter Gow estabelece entre seu trabalho de análise do mito e as metodologias e teorias formuladas por funcionalistas e estruturalistas. Entretanto, alguma distância se estabelece entre nosso autor e os antropólogos modernos. Gow recupera em Edmundo Leach (1954) a idéia de que dispostos diante das comunidades que estudamos trabalhamos “como se” estas constituíssem sistemas, sem, no entanto, perder de vista que

se tratam de objetos fugidios. Há, assim, um decisivo abandono da ambição dos modernos de descrever “culturas” e “sociedades”, em prol de uma atenção da antropologia, evidentemente não menos ambiciosa, de captar a riqueza circunstanciada de objetos históricos definidos enquanto tal, na sua condição efêmera.

Publicações

GOW, Peter. 1987. “La Vida Monstruosa de las Plantas”. *Amazonia Peruana*, 14: 115-22.

_____. 1989a. “The Perseve Child: Desire in a Native Amazonian Subsistence Economy”. *Man*, (n.s.) 24:299-314.

_____. 1989b. “Visual Compulsion: Design and Image in Western Amazonia”. *Revindi*, 2: 19:32.

_____. 1990a. “Aprendiendo a defenderse: La historia oral y el Parentesco en el Bajo Urubamba”. *Amazonia Indígena*, 11: 10-16.

_____. 1990b. “Could Sangama Read? The origin of Writing among Piro of Eastern Peru”. *History and Anthropology*, 5: 87-103.

_____. 1991. *Of Mixed Blood: Kinship and History in Peruvian Amazonia*. Oxford Studies in Social and Cultural Anthropology. Oxford: Oxford University Press.

_____. 1993. “Gringos and Wild Indians: Images of History in Western Amazonia”. In C Humphrey and N. Thomas (eds.), *Shamanism, History and the State*. Ann Arbor: University of Michigan Press.

_____. 1995. “Land, People and Paper in Western Amazonia”. In Eric Hirsh and Michael O’Hanlon (eds), *The Anthropology of Landscape: Perspectives on Place and Space*. Oxford: Clarendon Press.

_____. 1995b. “Cinema na Floresta: Filme, Alucinação e Sonho na Amazônia Peruana”. *Revista de Antropologia*, 38 (2): 37-54.

_____. 1996. “Podia ser Sangama? Sistemas Gráficos, Language y Shamanismo entre los Piro (Peru Oriental)”. In Fernando Santos Granero (ed.), *Globalización y cambio em la Amazônia Indígena*. Vol I: Quito: FLACSO and Ediciones Abya Yala.

_____. 1997. “O Parentesco como Consciência Humana: O Caso dos Piro”. *Mana*, 3(2): 39-65.

_____. 1999a. “Piro Designs: Painting as Meaningful Action in an Amazonian Lived World”. *Journal of the Royal Anthropological Institute*, (n.s.) 5: 229-46.

_____. 1999b. “A Geometria do Corpo”. In Adauto Novaes (ed.), *A Outra Margem do Ocidente*, São Paulo: MINC-FUNARTE/Companhia das Letras.

_____. 2001. *An Amazonian Mith and Its History*. Oxford Studies in Social and Cultural Anthropology. Oxford: Oxford University Press.

_____. 2003. “Ex-Cocama: Identidades em Transformação na Amazônia Peruana”. *Mana*, (9) 1: 57-79.

Referências bibliográficas

GOLDMAN, Márcio. 2006. *Como Funciona a Democracia. Uma Teoria Etnográfica da Política*. Rio de Janeiro: 7 Letras.

LIMA, Tânia Stolze Lima. 2002. “Resenha: *An Amazonian Mith and Its History*”. *Mana* 8 (2): 198-202.

MUNÓZ, Yolanda Gloria Gamboa. 2005. *Escolher a Montanha. Os Curiosos Percursos de Paul Veyne*. São Paulo: Humanitas/FAPESP.

VEYNE, Paul. [1971]. *Como se escreve a história Foucault revolucionou a história*. Brasília: Editora da UnB, 1982.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 1993. “Review: *Of Mixed Blood: Kinship and History in Peruvian Amazonia*”. *Man* 28 (1): 182-183.

autor Marta Rosa Amoroso

Professora do Departamento de Antropologia / USP

Recebido em 25/01/2007

Aceito para publicação em 30/01/2007